

DEVORAR O QUASE CORPO

Wilton Garcia¹

2007

O corpo, hoje, surge como agradável tema emergente que está na agenda dos debates com suas (trans/de)formações: embelezamentos estéticos, cirurgias plásticas, próteses artificiais, técnicas de alimentação, exercícios de musculação. Falo de um corpo recorrente, porém simbioticamente emblemático, simbólico. É um corpo vivo, instigante, que pulsa. Registro a ideia de corpo eminente e subjetivo, o qual ativa a máxima valorização da carne para (re)traduzir sua imagem corporal em afeto, desejo, erótica.

Busco no trabalho *Corpo Comestível*, de Rosa Esteves, assegurar uma possibilidade de relacionar o processo criativo da arte contemporânea junto ao corpo com o compartilhamento da informação sociocultural, diante do mercado de bens e serviços. O que coabita arte e produto, hoje, são as estratificações midiáticas que exibem o corpo ad infinitum.

Devorar o corpo manufaturado de chocolate faz parte da performance, em que artista e público se encontram em um estado de comunhão. Todos pretendem saborear o corpo de chocolate, no entanto, deixam a delicadeza do leite para tornar-se um instante fundamental à performance. O corpo, aqui, é repartido anatomicamente em pedaços estilizados. Lábios, seios, orelhas são retratados por forma, volume, cromatização e textura corporal e oferecidos para a degustação do observador/participante. De fato, devora-se apenas uma imagem corporal, pois a representação da carne é doce e amarga, quase no tom chocolate.

A mediação entre corpo e imagem corporal organiza um simulacro cuja artimanha provoca uma suspensão conceitual e, ao mesmo tempo, acopla resultantes subjetivas com a imprecisão de metáforas. Há um estreito percurso que celebra a reprodução quase fiel da pele – protetora do corpo-carne cru – em uma dinâmica estrategicamente subjetiva, porque é arte viva. Essa reprodução detalhada na simulação de pequenas partes do corpo reitera a feitura em série de uma fabricação de peças de chocolate em escala industrial.

Em *O Banquete*, Platão conta que os deuses banquetearam quando Afrodite nasceu. Recurso, embriagado com o néctar após o jantar, penetrou o jardim de Zeus e adormeceu ao lado de Pobreza. Ali conceberam um filho – o Amor. Eis por que o Amor ficou companheiro e servo de Afrodite, gerado em seu natalício, por

¹ Graduado em Letras pela PUC/SP (1992); Mestrado (1997) e Doutorado (2002) em Comunicação pela ECA/USP; e Pós-Doutorado (2006) em Mídias pelo IA/UNICAMP. Atualmente, é professor da FATEC-Itaquá/SP e do Mestrado em Comunicação e Cultura da UNISO. Como artista visual e pesquisador, trabalha com fotografia, internet, performance e vídeo, com experiência nas áreas de arte, comunicação e design sobre estudos contemporâneos, ao investigar temáticas de consumo, corpo e imagem.

natureza amante e bela. De Afrodite aos dias de hoje, as transcorporalidades acentuam a singularidade desse Corpo Comestível. O trabalho artístico de Rosa Esteves aborda poeticamente a diversidade dos corpos contemporâneos, retraduzidos pela lúdica visualidade. Assim, o feminino ressalta-se pela atualização de um corpo equacionado pela esfera anatômica, mas depois emerge a contextualização de gênero em trânsito. O corpo, nesta obra, parece (trans/de)formar-se em fragmento pulsante de evidências sintomáticas. Canibalizar e/ou antropofagizar são resíduos que efetivam uma atualização pós-orgânica para além do dito corpo contemporâneo.